

# Como desfazer para si próprio o seu rosto?

Ana Godinho

O texto que me proponho analisar é retirado de *Mille Plateaux*<sup>1</sup>: “Visagité” ou “rostoidade”. Trabalho, pois, para este efeito à superfície e numa superfície, num espaço particular – o rosto.

Começo, recuperando uma citação de Nietzsche (em *Schopenhauer como educador*) a que Deleuze se refere no início dos *Diálogos*:

“Assim que ele [o artista ou o filósofo] aparece, a natureza, que nunca dá saltos, dá o seu único pulo, e é um pulo de alegria, porque sente que pela primeira vez atingiu o alvo, aí onde ela compreende que, jogando com a vida e o devir, concorria com adversários temíveis. Esta descoberta fá-la iluminar-se. E a doce lassidão da tarde, aquilo a que os homens chamam charme, encanto, repousa sobre o seu rosto.”<sup>2</sup>

Rosto e corpo serão usados neste contexto como um só. Um rosto é um corpo, e ele mesmo não está no corpo, está “entre”, alma *e* corpo, o rosto é o “e”, numa superfície, no “meio”, e estar no meio, não é estar nem acima nem abaixo, nem dentro nem fora, como uma linha onde se cruzam ou encontram um mundo interior e um mundo exterior.

Superfície de quê? Da alma ou da força. O rosto parece estar numa ligação directa com ela (“O ser amado aparece como um signo, uma “alma”: exprime um mundo possível, desconhecido para nós.”<sup>3</sup> O rosto exprime, exhibe “estados de alma”, que se inscreveram nele.), é nele que se dissipa ou irradia, abre ou reflecte o que a alma conserva, forças e energias, “é que a alma (ou antes a força), como dizia Leibniz, não faz nada nem age, mas está apenas presente”<sup>4</sup>.

As mãos, o ventre, o sexo, as pernas e os pés têm rosto, como os objectos, as casas, a terra, os planetas, a lua, etc. Os corpos, os objectos, as coisas podem também ser rostificados, são eles próprios expressivos. É como se os objectos, as casas adquirissem uma marca própria, uma autonomia, uma assinatura, uma singularidade, como se nos olhassem. Traços singulares e únicos formam o rosto, numa superfície onde se exhibe um índice da sua presença. Um rosto é um anúncio, uma produção social, um espaço “sobrecodificado”, rede complexa de interpretações com uma unidade exclusiva de expressão. É mesmo antes de mais expressivo.

O rosto/ corpo de que me proponho falar é poroso. É mesmo intensamente poroso. O que é muito difícil de analisar uma vez que tomamos *poroso* em todos

1 Deleuze, Gilles et Guattari, Félix, *Mille Plateaux*, Paris, Minuit, 1980, (doravante MP).

2 Deleuze, Gilles, *Diálogos*, Lisboa, Relógio d'Água, 2004, p. 16, (doravante D).

3 Deleuze, Gilles, *Proust et les signes*, Paris, PUF, 1996, p.14.

4 Deleuze, Gilles et Guattari, Félix, *O que é a Filosofia?*, Lisboa, Ed. Presença, 1992, p.185.

os sentidos. Haverá rostos relativamente porosos e outros que o não são. Como existem corpos, certo tipo de formações, organizações de poder e sociedades que não precisam de rosto. Não falarei dos rostos não porosos.

As crianças por exemplo, têm rostos intensamente porosos, podemos dizer até que nem têm um rosto porque têm uma multiplicidade deles ou podem fazer mil rostos, caretas, expressões exageradas, mesmo inaceitáveis socialmente. Deleuze em *Imanência: uma vida*, refere-se às crianças pequenas como singularidades: “Parece mesmo que uma vida singular pode abster-se de toda a individualidade, ou de todo um outro concomitante que o individualize. Por exemplo as crianças muito pequenas parecem-se todas e não têm muita individualidade; mas têm singularidades, um sorriso, um gesto, uma careta, acontecimentos que não são características subjectivas. As crianças são atravessadas por uma vida imanente que é pura potência e mesmo beatitude”.<sup>5</sup>

Poroso é o rosto e parece imediato e naturalmente aberto, esburacado. Abre-se pois, e fecha-se num espaço. Um rosto aberto pode ser um rosto animado, atrevido, alegre, iluminado, que inspira confiança, acolhedor, familiar, ou triste, escondido, envergonhado, diz-se mesmo fechado, estranho, etc. Os olhos, a boca, o nariz, a pele abrem-se e fecham-se, abrem-se e fecham-se às sensações. Abrir é em primeiro lugar uma certa operação sobre o espaço. Entrar e sair, começar e acabar. Espaço de exposição, zona de fronteira. Mas, abrir é também fazer violência, à superfície, forçar a saída, forçar a entrada, experimentar, forçar a passagem para aceder a um dentro. Não é um encontro tranquilo, pode ser mesmo uma transgressão. O espaço pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza. “Abrimo-nos às coisas”, “abrimos o coração ou a alma”, abrimos os olhos que são as “janelas da alma”.

Abertura é um acto, um processo de alteração, melhor, de devir. Não é entendida aqui somente como possibilidade de recepção, porque absorve, recebe, mas também porque emite, rejeita ou devolve, transporta e é permeável/impermeável, operações que acontecem entre o que mostra e esconde, revela e dissimula, captura e é capturado, efeito inibidor e efeito de passagem. Conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, a modificar-se constantemente. A porosidade é intensa (mais ou menos) e capaz de mudar de natureza, justamente, porque abre e fecha segundo velocidades e concentrações variáveis de energias. Paradoxal porque simultaneamente aberta e fechada como a porta de Duchamp. Paradoxal porque a regra ela própria não cessa de devir. Rosto poroso, espacial, com aberturas, poros, escavado, com orifícios, intervalos, passagens, interstícios, feridas, buracos, zonas ou regiões inanimadas, vazias. O rosto faz “parte de um sistema superfície-buracos, superfície esburacada.” Crivo por onde passa a vida e a morte. De certo modo irremediavelmente aberto, conecta e desbloqueia os diferentes planos e as linhas que o compõem e contribuem para a sua abertura máxima, e de onde se vê para os dois lados, para dentro e para fora, à procura da alma ou da promessa de um sentido.

5 Deleuze, Gilles, «Immanence: une vie...», *Philosophie*, n<sup>o</sup>47, Paris, Minuit, 1995, p.6

Poroso ainda porque um rosto são dois ou melhor uma multiplicidade, um mundo paradoxal e contraditório. Num rosto há um outro rosto, inconfundível (o da “inquietante estranheza” – Unheimliche, Freud). Vê-se um rosto, captam-se as suas especificidades e nele vê-se também outro, inesperado, e não é porque se vê de mais perto ou melhor, em detalhe (quer dizer, vê-se qualquer coisa que estava escondida porque minúscula, escondia-se e uma vez descoberta exhibe-se e deixa-se identificar, fez sempre parte do visível, esteve sempre num certo espaço). Não é aqui o caso. Não é uma questão de aspecto, é porque se “vê” uma outra natureza, um impensado, uma singularidade, incompreensível, incaptável, um intruso que surge aí onde não o esperamos, inquietante, que “salta aos olhos”, mas continua indiscernível. É por isso que se se vê assim se vê como aqueles que por terem visto a Vida, dizem Deleuze/Guattari, voltam com os olhos vermelhos e o fôlego curto, porque viram algo de demasiado grande para qualquer um “e que pôs neles a marca discreta da morte...”. Voltam com o fôlego curto e os olhos vermelhos porque atravessaram espaços dimensionais que só se atravessam como os “raios” podem atravessar, quer dizer: “os meus olhos não me servem para nada, porque não me reenviam senão a imagem do conhecido. O meu corpo inteiro deve tornar-se [devir] raio perpétuo de luz movendo-se a uma velocidade cada vez maior, sem descanso, sem retorno, sem fraqueza.”<sup>6</sup> O corpo move-se num espaço ou num mundo de que “toda a lógica está ausente” onde o “olhar liberto de si, já não revela nem ilumina, corre ao longo da linha do horizonte, viajante eterno e privado de informações...”<sup>7</sup>

Os olhos não servem para nada porque a percepção não é mais codificada e será outro o modo de captura, é outra a luz e não se capta com os olhos.

“Assim que ele [o artista ou o filósofo] aparece”<sup>8</sup>, a natureza ilumina-se e mostra o seu rosto, qualquer coisa nela se excede e torna intensa. Esse que vê essa outra natureza, indiscernível, tem a possibilidade de atingir o rosto intensamente poroso. Atingir o rosto inconfundível, fonte da vida e do devir, para deixar que nele repouse a “doce lassidão da tarde”.

Um rosto numa primeira definição geral e breve parece confundir-se com cara, a parte anterior da cabeça, que por sua vez também se confunde com face. Esta última, associamo-la ao semblante, ao aspecto, ou a cada um dos lados da cara, superfície exposta, que não faz propriamente o rosto. A cara, também nos permite pensar em semblante, ar ou aspecto, numa presença que tem um outro lado, uma fisionomia. Mas que também não é o rosto. Existem muitos rostos, muitas combinações são possíveis. Alguns são úteis, têm um valor descritivo.

Deleuze/Guattari propõem uma definição de rosto que analisaremos, e ainda uma outra. O rosto como “ícone próprio do regime significante”<sup>9</sup>. Ícone essencial e substancial que faz interpretar, e que muda, como em Bacon, por exemplo. E o rosto a desaparecer, esse que permite pensar já numa outra natureza num outro regime,

6 MF, p. 210.

7 D, p. 62.

8 D, p. 16.

9 MF, p. 144. “...a reterritorialização interior ao sistema.”

“imperceptível” onde se operam os devires que transpõem os limites do sistema significante, esse inconfundível, desterritorializado, a escapar-se na sua inquietante estranheza. Não se pode fazer a economia de um. Um e outro fazem o paradoxo.

Uma das características mais importantes do rosto talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas, entradas e saídas, impasses e fugas que se vivem politicamente, quer dizer, com toda a força do desejo.

### **Relativamente poroso:**

Da definição pela negativa extrai-se o seguinte: o rosto não é uma parte do corpo, nem está nele, é outra coisa que o corpo, não é também parte da cabeça, nem sequer faz parte dela, é bem diferente dela. Não é um invólucro exterior àquele que fala, pensa ou sente. O rosto não é universal nem é em primeiro lugar individual, não preexiste. Mas funciona como se fosse universal. É paradoxal, temo-lo mas podíamos não ter, temo-lo e a cada instante precisamos desfazê-lo, desatar os laços e os impasses para não cair no caos, para podermos pensar, escrever (como o diziam Foucault, H. Miller, Lawrence). Desfazer um rosto para fazer um pensamento, uma linha de escrita, para poder viver.

“Os rostos não são em primeiro lugar individuais, definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes.”<sup>10</sup>

É outra coisa que o corpo, sendo corpo. Podemos pensar que se situa na parte anterior da cabeça e a recobre, falamos de uma localização habitual, sem estarmos certos. Mas há mesmo “uma organização espacial estruturada que recobre a cabeça” (Bacon) a que chamamos rosto. É uma zona. Zona de frequência ou probabilidade, molar. Milhares de elementos conectam-se e desconectam-se nela. Forma-se um rosto, “elementar”, um mapa que organiza as séries de movimentos, linhas, traços, que vão da alegria à tristeza, à ira, da surpresa à segurança e à tranquilidade do já familiar, à paz, à saúde enfim às grandes organizações de estados, sentimentos e emoções que aprendemos a classificar, a ordenar, a hierarquizar. Obtemos um rosto molar (social), uma forte organização espacial, com uma “unidade” que se decifra com um número restrito de descodificadores. Os rostos concretos individuais produzem-se e transformam-se em torno destas unidades, destas combinações de unidades. O rosto é um território, uma “língua materna”, rosto de homem, mulher, criança, rico, pobre, aluno, pai, filho, etc. Emissor, receptor, emite e recebe. É um corpo que é preciso decifrar, interpretar. Ele mesmo quer interpretar e dar a interpretar e mudar os traços. E os seus elementos, partes, órgãos, ganham um rosto. A boca e o nariz, e antes de tudo os olhos, não se tornam uma superfície esburacada sem convocar todos os outros volumes e todas as outras cavidades do corpo.

“O rosto é uma política”, afirmam Deleuze e Guattari. E se é um corpo, o rosto, (e não é simplesmente um, é uma multiplicidade) nasce de um agenciamento, faz-se superfície e é um mapa. E no entanto, diz Deleuze, “o rosto é uma coisa

---

10 MP, p. 206.

curiosa: *sistema muro branco–buraco negro*. Dispositivo de captura, redundante. Rosto e sistema de produção de rostos “concretos”, “elementares”. Sistema de entradas e saídas, espaço de fronteira, passagem ou transporte (de “partículas dos outros”, fluxos de vida e de morte, de forças).

Acerca do seu trabalho com Guattari sobre esta questão, Deleuze, refere: “Nestas condições, a partir do momento em que existe esse tipo de multiplicidade, trata-se de política, micro-política. (...) Félix trabalhava sobre os buracos negros; (...) O *buraco negro* é o que o vos capta e não vos deixa sair. Como sair de um buraco negro? Como emitir do fundo de um buraco negro? Pergunta-se Félix. Eu trabalhava sobre um muro branco; o que é um *muro branco*, um ecrã, como aperfeiçoar o muro e fazer passar uma linha de fuga? Não reunimos as duas noções. Apercebemo-nos que cada uma tendia por si própria para a outra, mas justamente para produzir algo que não estava nem numa nem noutra. Porque buracos negros sobre um muro branco é, precisamente, um *rostos*, um grande rosto com faces brancas e atravessado por olhos negros, o que não se parece ainda com um rosto, é antes o agenciamento ou a máquina abstracta que vai produzir o rosto.”<sup>11</sup>

Os rostos formam lugares de ressonância que seleccionam o real mental ou sentido, tornando-o antecipadamente conforme a uma realidade dominante. Não são rostos vazios, são superfícies gerais de referência e organização, potenciadoras de forças. Vistos de frente, emitem signos que reenviam a outros signos, estes a outros, até ao infinito. Signos que irradiam em superfícies. Os traços, as linhas, as rugas, o rosto comprido, quadrado, triangular, circular – o rosto – mapa.

Do simples franzir das sobrancelhas, um pestanejar pausado, às direcções/movimentos sempre diferentes do olhar, acompanhados ou não de círculos que se formam também sempre diferentes à volta da boca. As numerosas modalidades de sorriso até à gargalhada ou ao cerrar firme da boca. As narinas que aumentam ou diminuem, mais ou menos marcadas. Para não falar da voz (as polifonias, as variações na intensidade dos sons, a gama espectacular de todos os sons que formam todas as palavras do mundo). São infindáveis as descrições das expressões, que todos nós conhecemos nos vários repertórios das mães, das crianças, dos cidadãos, dos políticos, dos médicos dos professores, dos condutores... (cada um tem um número preciso e limitado de expressões com as quais regulariza, organiza (ex. sorriso/riso), acalma, surpreende, irrita ou é simpático, põe na ordem, – desviando o olhar ou olhando fixamente de frente, abrindo as pestanas e elevando as sobrancelhas – convence, modula, manipula e que vão do grito até ao sem expressão, aparentemente “rostos neutros”, normalmente interpretado como sinal de não disponibilidade) e todas estas expressões servem especificamente para os outros mais ou menos familiares, e mudanças finas e selectivas ocorrem quando existem outros não tão familiares por perto. O que se pode dizer que é uma cumplicidade com alguém próximo, um gesto mínimo, um olhar, deixa de existir com um outro mais distante, e serão outros os sinais que ele lerá. Um sistema complexo codificado, selectivo e com os respectivos descodificadores. As expressões traduzem estados de

---

11 D, p. 29.

alma, alegria, tristeza, surpresa, desgosto, cólera, orgulho e ainda mais combinações segundo cada cultura. Não são mesmo rostos vazios, nem universais.

Quais são as sociedades, as civilizações que necessitam de fazer funcionar esta máquina, quer dizer, de produzir, de “sobrecodificar” todo o corpo e a cabeça com um rosto, e com que finalidade?

Para Deleuze/Guattari o rosto é produzido pela e na humanidade, por uma necessidade que não é a dos homens “em geral”. É uma necessidade particular o que não o impede de exercer uma função mais geral. Produz-se um rosto porque é necessário. Temos necessidade de um rosto, é uma questão, de “economia e organização do poder”, de vida. A razão disso é simples. Particular e não universal pode, no entanto, adquirir e exercer essa função mais geral: binária. Porque é pelos rostos que as escolhas se guiam e que os elementos se organizam.

Os rostos são necessários ao poder. Ao poder passional, o poder do rosto do amado; ao poder maternal, ao cinema e à televisão, à publicidade; os rostos das celebridades e das “figuras públicas”; o poder político que passa necessariamente pelo rosto do chefe. O rosto de deus (Cristo). Os outros têm rosto e precisamos que o tenham. Qualquer que seja a natureza da escolha, ela guia-se pelo rosto do outro (uma criança, uma mulher, uma mãe de família, um homem, um pai, um chefe, um professor, um polícia, um refugiado, têm rostos poderosos. O rosto da pobreza, da fome, da saúde, da felicidade, da política, da economia, na rua, nos cartazes, nas imagens, na arte, etc.). A organização das forças, o controlo, a vigilância, as regulações mais diversas, está presente em toda a parte numa contaminação global. São organizações de poder.

Não podemos dizer que o rosto, “a potência do rosto, engendra o poder e o explica”. Mas podemos dizer que “*certos agenciamentos de poder têm necessidade de produção de rosto, outros não.*”<sup>12</sup> Consideraremos os primeiros, dando somente exemplos dos casos em que não há necessidade de produzir rosto: os casos de possessão que expressam uma relação directa das Vozes com o corpo e não com o rosto. As organizações de poder do xamã, da magia, do guerreiro, do caçador. São sociedades e culturas com códigos que se referem aos corpos não aos rostos, à pertença das cabeças aos corpos, à “aptidão do sistema corpo-cabeça para *devir*, para receber almas, recebê-las como amigas e repelir as almas inimigas. Os «primitivos» podem ter as cabeças mais humanas, as mais belas e mais espirituais, eles não têm rosto e não precisam dele.”<sup>13</sup>

Falta ainda perguntar quando, em que circunstâncias, é que a máquina de produção do rosto entra em jogo? Quando é que é desencadeada?

Quando temos necessidade de um rosto uma máquina de produção aparece e funciona de duas maneiras: por unidades ou elementos, e por escolhas.

Qualquer que seja o conteúdo que se lhe atribua, a máquina procederá à constituição de uma unidade de rosto, de um rosto elementar em correlação biunívoca com um outro: é um homem *ou* uma mulher, um rico *ou* um pobre, um adulto *ou* uma criança, um chefe *ou* um subalterno, “um *x ou* um *y*”. Rosto de

12 MP, p. 215.

13 Idem, p. 216.

professora e de aluno, de pai e de filho, de polícia e de cidadão, de acusado e de juiz, os rostos concretos individuados produzem-se e transformam-se em torno dessas unidades, dessas combinações de unidades, de tal modo que podemos dizer que em tal rosto se “vê” tal vocação. Há uma docilidade própria destes rostos. Foram recobertos, estratificados, cuidadosamente administrados, geridos de forma calculada (há toda uma educação dos rostos). “Introduzimo-nos num rosto mais do que possuímos um.”

Combinam-se, pois, os elementos e selectivamente escolhe-se: dado um rosto concreto, a máquina julga se ele passa ou não passa, se vai ou não vai, segundo as unidades de rostos elementares. A correlação binária é do tipo “sim-não”, mas pode ser *entre* o sim e o não (ex: travesti). O rosto poroso absorve ou rejeita. Mas somente a um certo nível de escolha. Os rostos em conformidade com as organizações: a professora ficou louca, estará o rosto dela de acordo com a loucura que supomos que deve ser?<sup>14</sup> A loucura é um rosto conforme, entre muitas escolhas (existem é certo, rostos de loucos não-conformes à loucura tal como “julgamos” que ela deva ser). De qualquer modo, há sempre próximo um rosto reconhecido ou a reconhecer, inscrito e enquadrado, normalizado, familiar.

“O rosto só se produz quando a cabeça deixa de fazer parte do corpo, quando deixa de ser codificada pelo corpo, quando deixa, ela própria, de ter um código corporal polívoco multidimensional — quando o corpo, incluindo a cabeça, se encontra descodificado e deve ser *sobrecodificado* por algo a que chamaremos Rosto.”<sup>15</sup> Quer dizer, todos os elementos da cabeça, do corpo inteiro podem ser rostificados. A máquina produz um rosto expressivo, um rosto que exprime de forma exclusiva e captura todas as partes descodificadas – forças, energias, vitalidade. Combina os elementos “significantes”, faz escolhas “subjectivas”, como já vimos. Os rostos formam uma unidade, homogêneos, são feitos para que não haja qualquer sobressalto. Um qualquer funcionário, um homem, uma mulher têm um rosto apropriado, ser reconhecido, identificado (é ter as forças controladas, reguladas) é fazer parte desse mapeamento geral da humanidade. “A cada instante, a máquina rejeita rostos não-conformes ou com ares suspeitos”<sup>16</sup>, ordena as regularidades, hierarquiza e classifica, elimina o excesso. Por isso reconhecemos tão facilmente certos rostos, até ao momento mesmo em que não os toleramos mais e os apagamos. Não existe mais exterior, não se suporta mais a “alteridade” (ex: o racismo). “Só existem pessoas que deveriam ser como nós, e cujo crime é não o serem. A cisão não ocorre mais entre um dentro e um fora, mas no interior das cadeias significantes simultâneas e das escolhas subjectivas sucessivas. O racismo jamais detecta as partículas do outro, ele propaga as ondas do mesmo até à extinção daquilo que não se deixa identificar (ou que só se deixa identificar a partir de tal ou qual desvio)”<sup>17</sup>.

Chegámos a um limite, um rosto com tiques está a dizer: não aguento mais.

14 MP, p. 218.

15 Idem, p. 208.

16 Id., p. 217.

17 MP, p. 218.

### Intensamente poroso:

Um tique é “precisamente a luta sempre recomeçada entre um traço de rostoidade, que tenta escapar à organização soberana do rosto, e o próprio rosto que se fecha novamente nesse traço, recupera-o, impede a sua linha de fuga, impõe-lhe de novo a sua organização.”<sup>18</sup> Qualquer coisa quer fugir, abrir, tornar-se porosa e qualquer coisa se fecha e imobiliza. Obtém-se assim esse insólito, embaraço, desassossegado, sintoma que arruína o familiar e parece olhar-nos.

Quando o rosto começa a escapar-se ou a desejar escapar aparecem nas fronteiras, diz Deleuze, tiques, nos interstícios do poder aparecem forças que resistem. Quanto mais controlado tanto mais deseja escapar-se.

Entretanto desfazer o rosto é mais do que um tique. “Se o rosto é uma política, desfazer o rosto também o é”. Desfazer o rosto é o mesmo que atravessar o muro branco e sair do buraco negro da subjectividade. O rosto que remetia ao rosto, infinitamente, e trazia sempre de volta o mesmo, seguro por interpretações que forneciam significado e significante atinge um limite e aí uma de duas coisas acontecem: o rosto reterritorializa-se ou desterritorializa-se. Neste último caso, aparece um rosto totalmente poroso, dá-se a sua intensificação, a que o faz mudar de natureza. E nunca o faremos sozinhos. Há um rosto de forças ou intensidades que se abre e deixa entrar a vida que nunca se conseguiu aprisionar completamente. Ela mesma transpõe os limiares, acede a mundos inexplorados e nesse movimento nessa sua passagem desfaz estratos, hierarquias e distribuições.

É o que faz Bacon que é um pintor de cabeças e não de rostos. Desfaz os rostos, fá-los passar por deformações até perderem a sua forma e consegue-o através de operações de limpeza e de escovagem que os desorganizam.

Primeiro, vai abolir o rosto, lançar marcas ao acaso sobre a tela, varrer, limpar, manchar com cor, novamente limpar com um trapo, desarticular. Estas marcas suscitam imagens que existiam já na cabeça do pintor de maneira mais ou menos virtual. “Por exemplo a cabeça: limpa-se uma parte com a escova, uma vassoura, uma esponja ou um trapo. É o que Bacon chama um *Diagrama*: é como se de repente se introduzisse um Saara, uma zona de Saara na cabeça; é como se aí se esticasse uma pele de rinoceronte vista ao microscópio; é como se se separassem duas partes da cabeça com um oceano; é como se se mudasse de unidade de medida, e se substituisse às unidades figurativas unidades micrométricas, ou ao contrário cósmicas. Um Saara, uma pele de rinoceronte, tal é o diagrama bruscamente traçado. É como se uma catástrofe tivesse acontecido na tela, no meio dos dados figurativos”<sup>19</sup>.

É o que pode acontecer numa conversa, face a face, instantaneamente comecem a descodificar-se os signos/partículas, que constituem os movimentos, as atitudes e posições de cada um, a distribuição regrada das emoções e dos afectos, a hierarquia consentida, e simultaneamente a ser percorridos e atravessados “por *micro-movimentos*, segmentaridades finas distribuídas de modo totalmente diferente, partículas inencontráveis de uma matéria anónima, minúsculas fissuras

18 Idem, p. 230.

19 Deleuze, Gilles, *Francis Bacon – Logique de la sensation*, Paris, La Différence, 1981, 1<sup>o</sup> vol., p. 65.

e posturas que não passam mais pelas mesmas instâncias, mesmo no inconsciente, linhas secretas de desorientação ou de desterritorialização”<sup>20</sup>. Opera-se aqui uma verdadeira “desrostificação”, já não há nada a esconder, dissimular ou a interpretar. A Inumanidade do rosto aparece. Os rostos mudaram, é um outro face a face....

Foucault na *Vontade de Saber* fala da bio-política para “designar o que faz entrar a vida e os seus mecanismos no domínio dos cálculos explícitos e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana” e acrescenta isto “não significa que a vida tenha sido exaustivamente integrada nas técnicas que a dominam e a gerem; ela escapa-lhes sem cessar”<sup>21</sup>. E desfazer o rosto surge como uma necessidade vital, neste escapar-se.

São outras coordenadas que formam uma superfície lisa, são outras as lentições e velocidades. Não é a vida vivida a aparecer, é a vida atravessada por intensidades máximas que se distribui nesta superfície “não extensa”, não estratificada que “não é espaço e nem está no espaço”. Poderíamos dizer como para o Corpo-sem-órgãos: “Matéria igual a energia. Produção do real como grandeza intensiva a partir do zero.” O rosto como uma viagem em que não se sai do mesmo lugar. Um rosto assim, vê-lo como um lugar, um no man’s land, onde se perdeu o tempo e espaço, não se sabe o nome próprio, para onde se vai, nem dizer eu, como um bebé que sorri com um rosto pleno que não é senão inumano, numa candura e estado de êxtase, quase sem peso, quando aí percebemos, ou melhor pressentimos, nesse instante que esse ser está num outro mundo e nos envolve nele. Outro plano, outro regime de sensações, de acesso à realidade, micro-percepções intensas que nos transportam até ao imperceptível.

Quando “o rosto se apaga, quando os traços de rostoidade desaparecem, podemos ter certeza que entrámos num outro regime, noutras zonas infinitamente mais mudas e imperceptíveis onde se operam os devires-animais, devires-moleculares subterrâneos, desterritorializações nocturnas que transpõem os limites do sistema significante.”<sup>22</sup> Onde não há formação de sujeito ou subjectividade, nem pontos fixos mas linhas sem principio nem fim, linhas de fuga.

Mas, como desfazer o rosto, tornar-se imperceptível?

Deleuze e Guattari pensam que o desfazemos não por um retorno à animalidade, mas por devires-animais, por estranhos devires que certamente ultrapassarão o muro e sairão dos buracos negros. Bacon escapa-se à organização do rosto, porque o desfaz, literalmente, F. Pessoa escapa-lhe porque o torna heterogéneo, heteronímio, numa linha de escrita que faz nascer multiplicidades, as crianças estão sem cessar nessa imperceptibilidade, quando nos parece que estão a imitar um leão, na verdade estão mesmo num devir leão. Henry Miller perde o rosto quando escreve, é para isso que escreve: “Já não olho nos olhos da mulher que tenho nos meus braços, atravesso-os a nado, cabeça, braços e pernas inteiros, e vejo que por detrás das órbitas destes olhos se estende um mundo inexplorado, mundo de coisas futuras, onde toda e qualquer lógica está ausente...”<sup>23</sup>

20 MP, p. 240

21 Foucault, Michel, *Histoire da la sexualité*, vol. 1 (*Vontade de Saber*), Paris, Gallimard, 1994, p. 188.

22 MP, p. 145.

23 D, pp. 61-62.

Um rosto de mãe é atravessado assim infinitas vezes, intensamente. O seu rosto torna-se uma superfície, um meio, de entrada do exterior para o interior e simultaneamente saída. Meio, entre, por onde o bebé desliza numa gama infinita de forças, de intensidades que contêm o universo, o cosmos. Onde nós vemos uma expressão um bebé vê forças. Neste rosto que o bebé “vê” passam livremente pensamentos, “como se este último [rosto] fosse um ecrã transparente reflectindo as imagens sucessivas do seu espírito”<sup>24</sup>.

Desfazer para devir intensamente um rosto poroso não é isento de riscos.

Temos produções sociais de rosto e temos rostos na sua porosidade máxima. E diariamente novas relações se tecem entre o poder e a vida. Se o poder pode penetrar todos os poros da nossa existência e os mobiliza, e invade. Se atinge directamente a forma como pensamos, sentimos, amamos, ou o corpo, o inconsciente, a subjectividade, se nenhum espaço é preservado, estamos, a nossa vida está totalmente capturada, num dentro sem fora. Já não é um poder transcendente mas um poder imanente que nos aprisiona, que se encarrega inteiramente das nossas vidas. Voltamos à questão fundamental da dificuldade de desfazer, fazer fugir o rosto. Com esta contaminação do espaço inteiro como fazer fugir se mal sabemos onde está o poder, onde estamos nós e o nosso desejo, se a própria morte se tornou insignificante, anónima e clandestina e foi excluída, evacuada das nossas vidas. Como extrair essa potência de vida indomável que aí está desde sempre?

Fazendo viver, cuidando da vida, vigiando—a permanentemente, escrutinando e sondando até ao mais ínfimo poro, prolongando—a, tornando—a animada, divertida, veloz, sobrepondo—a tudo, mesmo à morte? Fazendo rostos que investem a vida, só a vida?

Aparece então uma outra face do rosto na sua estranheza, um entre, aparência, imagem de rosto, não rosto, imagem de rosto saudável, sempre jovem, sempre em equilíbrio, homogéneo, sem expressão, sem variações de tristeza ou alegria, separado dessa vida que deve ser vivida na sua mais alta potencia. Um rosto adequado às regras científicas e estéticas, à cultura de espectáculo, em conformidade com os vários modelos de beleza das celebridades. As infinitas escolhas possíveis de transformações dos rostos ao nosso alcance, químicas, mecânicas, médicas, cosméticas, que mutilam, comprometem, deformam, trazem uma espécie de mortificação imediata e passageira, descartável com muitas variantes. Um outro tipo de sofrimento estampado no rosto, inacessível, porque virado para dentro, anulando o outro. Um rosto que cuida de si, não mais virado para fora, mas ao contrário virado para si, para um dentro, vazio e dominante, manipulável, sujeito às forças maléficas, desconectado e sem distância, porque sem o outro. Como desfazer agora para si próprio este rosto?

\* Ana Godinho é filósofa, com interesse no pensamento estético de Deleuze. Publicou entre outros *Linhas de Estilo – estética e ontologia em Gilles Deleuze*. Um livro sobre Duchamp recém concluído em parceria com José Gil já está no prelo. Leciona em Lisboa.

24 Stern, Daniel, *Mère-enfant, les premières relations*, Bruxelles, Ed. Pierre Mardaga, 1977, p. 12.

